



Revista

São Judas

ANO XI- Nº 153 – ABRIL / 2025

SÃO JUDAS TADÉU

Apóstolo da reparação

*“Arrependei-vos, pois, e convertei-vos
para serem apagados os vossos pecados,
de sorte que venham os tempos de
refrigério pela presença do Senhor”
(At 3, 19).*



SUMÁRIO

04 SÃO JUDAS E VOCÊ

Páscoa: tradições familiares

05 SÃO JUDAS ENTREVISTA

Sami Nogueira Abraão sobre a Ceia judaico-cristã

08 PENSE NISSO

A esperança nos sofrimentos

10 A VIDA DOS SANTOS EM NOSSA VIDA

Santa Bernadete Soubirous

12 CURIOSIDADES DA FÉ

“Por que existe o sofrimento?”

13 SANTUÁRIO EM FOCO

As características particulares deste Santuário

14 SAÚDE: DOM DE DEUS

A vitamina D e seus benefícios

15 SÃO JUDAS TADEU, APÓSTOLO E MÁRTIR

A instituição da Eucaristia e a missão dos apóstolos de formar e conduzir a Igreja de Jesus

16 FOCO NA MORAL E NO DIREITO

O que a Igreja diz sobre a doação de órgãos?

18 FAMÍLIA DOS DEVOTOS

Peregrinos de Esperança no Santuário pelo Ano Jubilar

20 DESTAQUE DO MÊS

São Judas Tadeu, Apóstolo da Reparação

22 NO CORAÇÃO DE JESUS

Sagrado Coração de Jesus: raízes da espiritualidade dehoniana

24 MÃE E MESTRA, NOSSA IGREJA

Você sabe o que é um ato de reparação dos pecados?

26 SÃO JUDINHAS AOS PEQUENOS DEVOTOS

O número 40 na Quaresma

27 RECOMENDAMOS

Celebrar o Jubileu sem ir a Roma



Foto do mês:

A CRUZ DA IGREJA NOVA, NA PARÓQUIA E SANTUÁRIO SÃO JUDAS TADEU (SÃO PAULO-SP), É SINAL DO AMOR DE DEUS PELA HUMANIDADE.

REVISTA SÃO JUDAS APENAS ON-LINE

A Revista São Judas de ABRIL/2025 (edição número 154) circulará apenas pelo site e redes sociais da Paróquia e Santuário São Judas Tadeu (São Paulo-SP).

EXPEDIENTE

Reitor: Pe. Daniel Aparecido de Campos,scj

Vice-Reitor: Pe. Cleiton Guimarães dos Santos,scj

Diretor: Pe. Daniel Ap. de Campos,scj

Editora-Jornalista: Priscila Thomé Nuzzi – MTb nº 29753 L. 131 F.26

Conselho Editorial: Pe. Daniel Ap. de Campos,scj; Renata Souza; Marcos Cuba

Capa: Daniel Ramos

Revisão: Pe. Aloísio Knob,scj

Design e Diagramação: Daniel Ramos (danramosdesign@gmail.com)

Fotos: Arquivo Santuário SJT

Atendimento

Av. Jabaquara, 2682 – São Paulo-SP

04046-500 – Tel.: (11) 3504-5700



APÓSTOLO DA REPARAÇÃO

A Revista São Judas do mês de abril está repleta de conteúdos que favorecem ao aprofundamento da fé, nos dando a certeza de que nossa vida é reparada por Jesus Cristo. Somos desafiados a assumir nossa missão de agentes indicadores do caminho para que a vida tenha direção. Não é possível distanciar da certeza de que somos abençoados por Deus ao compreendermos que somos seres sobrenaturais. A vida perpassa os desafios de existir, segundo as orientações deixadas por Jesus e por seus Apóstolos, que nos ajudam a fomentar a comunhão e o desejo de vida plena. Neste mês, somos convidados a contemplar, através da leitura, o quanto nosso padroeiro São Judas Tadeu, primo de Jesus, é portador de atitudes de reparação. Devemos reparar e assumir nossa missão de fermentar no mundo o amor e a reparação, pois no Reino do Coração de Jesus encontramos local para descansar nosso existir e abastecer nossa vida com o puro amor de Deus.

A Páscoa Cristã está ligada à Páscoa Judaica, pois Jesus era judeu e vivenciou o caminho judaico para cumprir a promessa de libertação. Compreender os elementos que aproxima a Ceia Judaica do Cristianismo é importante para que possamos perceber os detalhes de cada passo que Jesus deu, em sua missão de vencer a morte e dar à humanidade a possibilidade de encontrar um novo sentido para a vida. Todos os anos, a Paróquia e Santuário São Judas Tadeu forma várias turmas de catequese para adultos, que são pessoas que não foram batizadas ou que deixaram de concluir sua caminhada de iniciação cristã com a recepção da Eucaristia ou da Crisma. A santidade na vida é a busca de todos os cristãos e os santos são um grande exemplo de que é possível aprimorar sempre mais a fé em Jesus Cristo. Neste mês de abril são muitos os santos e santas que, ao serem lembrados, nos ajudam a melhorar nossa caminhada espiritual rumo à santidade e a vida eterna.

Um dos elementos que ajudam no aprimoramento espiritual para a santidade é o sofrimento que só tem sentido em ser vivido dentro de uma dinâmica de fé e de entrega total a Deus. Este ensinamento recebemos do próprio Cristo, que na sua caminhada para o Calvário, sofreu atrocidades, se entregando totalmente por amor a humanidade. Não existe amor sem uma

dose de dor, pois ela ratifica o valor que damos para aquilo que dizemos que amamos. Amar pressupõe a dor de conviver com algo diferente e que pode completar e melhorar a existência. estamos lkascados

Neste Ano Jubilar, somos convidados a não perder a esperança, mesmo diante de momentos de muito sofrimento humano causado pela falta de amor expressa nas guerras e na destruição do meio ambiente. Nosso Santuário tem a missão de ser um espaço de presença de Deus na grande metrópole de São Paulo e por isso oferecemos condições para que você possa ganhar a Indulgência Plenária e fortalecer sua fé na certeza da ressurreição, pois a vivência dos Sacramentos e dos Sacramentais nos fortalecem na vida.

A Paróquia e Santuário São Judas Tadeu foi escolhida como uma das doze igrejas jubilares para peregrinações na Arquidiocese de São Paulo. Cumprimos nossa missão de ser um local para ganhar a Graça de Deus e a cada visita rendemos gratidão a Deus por tudo que podemos fazer pelo Reino.

A Semana Santa de 2025 será marcada pela possibilidade de alcançar uma graça especial a cada dia, pois estando em estado de Graça, é possível ganhar a Indulgência, visitando este Santuário. A alegria e a esperança são as referências que nos apontam a certeza de que estamos no caminho certo e as intensas celebrações que viveremos neste mês de abril são uma grande oportunidade para fortalecer a nossa alegria e esperança. Começamos o mês de abril no caminho quaresmal, passaremos pela Semana Santa e depois iremos finalizar o mês com o Domingo da Misericórdia. Venha participar da Semana Santa ou acompanhe nossas atividades da Paróquia e Santuário São Judas Tadeu pela WebTV (Youtube e Facebook), WebRádio (radiosaojudastadeu.com) ou por nosso Instagram (@saojudastadeusp). As missas são: de segunda a sexta-feira: 7h, 9h, 12h, 15h, 17h e 19h30; sábado: 7h, 9h, 12h, 15h e 19h30; domingo: 7h, 8h30, 10h, 12h, 15h, 16h30, 18h e 19h30. Obrigado e seja sempre bem-vindo(a)!



Pe. Daniel Aparecido de Campos, scj

Reitor do Santuário São Judas Tadeu



PÁSCOA: TRADIÇÕES FAMILIARES

NESTE MÊS DE ABRIL, CELEBRAMOS A PÁSCOA: MORTE E RESSURREIÇÃO DE JESUS. PERGUNTAMOS AOS NOSSOS SEGUIDORES DO INSTAGRAM: “SUA FAMÍLIA TEM ALGUMA TRADIÇÃO NA PÁSCOA?” CONFIRA:



dandretta.c

Ficamos na janela vendo a procissão passar, sempre me emociona



pher.jesusp

Se reunir no Domingo para preparar o almoço juntos e almoçarmos as 16h



brunotorresdivino2122

Na semana santa e todos os dias na missa



angeloandress

Eu tenho a minha particular, na sexta-feira santa eu costumo ficar em silêncio total



osvaldodecicco

Reunir a família no almoço de Páscoa



Colaboração de
Lillian Cristina Magalhães

Siga-nos no nosso Instagram e fique ligado nas caixinhas de interações que abrimos. Sua mensagem pode aparecer na nossa revista.



@saojudastadeusp |



@SantuarioSaoJudasTadeu |



Luz da Fé



Entrevista com Sami Nogueira Abraão **Qual o sentido da Ceia Judaica para o cristão?**

Sami, qual a sua formação e como começou o seu interesse pela Teologia?

Tudo começou como para todo leigo, lá no banco da igreja, alguma coisa toca, desperta o interesse. Eu lembro na época, a minha esposa Osana, pedia para eu fazer Crisma e na Crisma o Espírito Santo me tocou. Aquela coisa da gente ser chamado por pequenos detalhes. A Annete ministrou a catequese sobre a Eucaristia e ela falava de um jeito que me encantou. Aí, claro, a gente vai buscando. Comecei a ler um pouquinho mais a Bíblia, depois, no curso de aprofundamento da fé, eu comecei a buscar onde haviam cursos de Teologia e descobri a PUC, a Nossa Senhora Assunção. Isso vai despertando na gente o interesse de buscar mais, conhecer mais, saber um pouquinho mais. Depois da Teologia fiz uma pós graduação em cultura judaico cristã. Eu acho que foi uma das melhores coisas que me aconteceu, porque esse curso faz ligação da cultura judaica com a cultura cristã. Então foi aí que nasceu o interesse pela ceia judaica também o estudo da cultura judaica.

A Paróquia Santuário já fez algumas dessas ceias judaicas, com sua participação. E como foi a experiência?

Aqui em São Judas, se eu não me engano, em 2018 teve uma celebração mesmo, com o cordeiro, as ervas amargas, todos os elementos de uma ceia judaica que eles chamam de Seder Pascal. E nessa ceia pensei: por que eu não levo isso para a Catequese? Eu já estava ministrando a catequese de

adultos e resolvi levar isso de uma forma mais simples, não com tantos elementos, mas representando toda essa ceia judaico cristã com alguns elementos essenciais. Para mostrar como foi a última Ceia de Cristo. Isso próximo da Páscoa, porque a gente celebra a Páscoa cristã. E a gente vê na narrativa da Páscoa de Jesus Senhor, com seus discípulos. É aí que a gente vai ligando as coisas e percebendo o por quê que Jesus ressignificou o pão, ressignificou vinho e de onde vem esses elementos.

A Páscoa dos judeus tem o mesmo significado da Páscoa dos cristãos?

Ela tem algumas diferenças da Páscoa cristã, mas ao mesmo tempo uma continuidade, porque em Jesus aquela Páscoa judaica é levada à plenitude.

A gente observa a Páscoa judaica com um ritual na celebração pascal que a gente celebra nas missas. Tem alguns passos, é claro, mas eles celebram a libertação do povo judeu do Egito, a saída do Egito. Ali se identificam como povo de Deus, povo escolhido. Eles fizeram uma experiência verdadeira, intensa da presença da ação de Deus em favor deles. Lembremos que no livro do Êxodo, lá no início, quando o povo estava cativo, narra seu texto que Deus olhou para o sofrimento, viu as lágrimas do povo e se lembrou da aliança que ele havia feito com Abraão, Isaque e Jacó. E aí Deus envia Moisés e as dez pragas. A última praga é a morte dos primogênitos. Os que eram fiéis marcaram a porta com o sangue do Cordeiro e foram poupados. Primogênitos foram poupados.



A questão essencial é que esse cordeiro que foi sacrificado, por pedido de Deus. E esse sacrifício foi em honra de Deus. A ação de Deus que agiu em prol desse povo e o sangue do cordeiro serviu como um sinal marcado nas portas para identificar não simplesmente identificação da casa, mas a identificação daquele povo que está em comunhão com Deus. E aí a gente faz uma relação, o povo que está em comunhão com Deus, Ele protege. E aqueles que não estão em comunhão, sofrem as consequências da ausência. Tudo isso trouxe a passagem, a Páscoa. A palavra Pessach na sua origem, quer dizer pular, saltar. O anjo da morte viu e passou à frente, saltou a casa dos fiéis. E o significado maior da Páscoa para o cristão, quem acredita e ama Jesus, é a ressurreição. Que tudo que foi conquistado com a morte e ressurreição de Cristo, que é nossa também. E quando a gente faz de novo uma ligação da Páscoa judaica com a Páscoa cristã, percebe que uma libertou neste mundo e a outra liberta para a vida eterna, que a gente considera como continuação. Por isso a continuidade. Assim como a aliança que Deus fez com o povo antigo levou a plenitude em Jesus.

Porque nas igrejas católicas, na Semana Santa, algumas fazem essa ceia judaica? Qual o objetivo?

É feita junto a agentes de pastoral. Essa recordação da Páscoa judaica é feita para poder fazer essa ligação, para não descontextualizar a Páscoa cristã. Ela tem um berço e para conhecer a nossa Páscoa cristã, seus elementos, seus significados, precisa voltar um pouco antes, conhecer o que aconteceu na Páscoa judaica e todo seu simbolismo. Porque tem o Cordeiro, o pão sem fermento, o vinho que se torna sangue... Porque esses elementos são tão fundamentais para a gente? Porque estava ali sendo vivenciado por Jesus na sua cultura. Todo ano Jesus ia celebrar a Páscoa em Jerusalém e aí depois, na sua passagem, na sua Páscoa pessoal, ele trouxe isso para todos nós, para vivenciarmos também não a Páscoa judaica, mas a Páscoa ressignificada por Ele, que tem um sentido da salvação para a vida eterna. A gente lembra que essa passagem dessa vida de pecado, conturbada, que a gente conhece bem, não termina em si, mas tem um caminhar para a vida em Deus.

Por que não se come nada fermentado na ceia judaica?

Primeiro lá na Páscoa judaica, o sentido é a rapidez com que eles iriam sair. Não existiria mais o Egito no dia seguinte. Ao preparar uma massa experimentem não colocar o fermento. A massa vai levedar do mesmo jeito, só que vai demorar. E lá no Egito, para o povo judeu não existia tempo suficiente para levedar a massa e eles precisavam levar o pão no caminho que iriam comer. É um pão da rapidez, é um pão para quem vai sair. Tanto é que o texto diz sandálias nos pés, rins cingidos porque está pronto para sair. E o sentido espiritual do fermento. A massa levedada cresce, infla. Imagine um ser humano inflado, cresce demais, orgulhoso demais, uma empáfia e aquela soberba. É contrário da humildade. E o que é o sentido espiritual no ser humano? A humildade deve superar a empáfia, o orgulho.

Então, para todos os efeitos, uma massa levedada simboliza a impureza moral do ser humano e, ao contrário disso, é o pão ázimo, o pão sem fermento, o pão da humildade. É isso que agrada ao coração de Deus. Por isso Deus pediu que não fosse nenhum alimento levedado, que não consumisse nenhum alimento levedado. E na Páscoa judaica, um dia antes, na noite anterior, eles fazem uma varredura nas casas e tiram todo elemento fermentado. É um ritual. E uma das coisas que eu percebi ali em Jerusalém é que eles doam os alimentos para os pobres. Tiram tudo e doam. E aí eles vão passar oito dias comendo o pão sem fermento e até o vinho é especial.

Qual alimento é mais importante? Tem um prato principal que é servido?

Dois são fundamentais. O cordeiro, ou o osso do cordeiro (ou de galinha) que representa aquele Cordeiro que foi sacrificado lá no Egito, para que o povo pudesse sair e ser liberto, alcançar a salvação, a terra que Deus prometeu para eles, representa o sacrifício. E o outro alimento é o pão sem fermento, que se chama matzá. Na ceia judaica, eles usam três matsuris, o plural de matzá, e eles comem em três momentos. Alimentos que são fundamentais na relação do tempo que eles estavam cativos, escravos no Egito e a libertação. Fazem um sanduíche de matzá, com a erva amarga que pode ser hoje uma rúcula ou agrião e tem um docinho que é uma mistura de maçã, mel e nozes que dá uma cor avermelhada que lembra os tijolos que eles eram obrigados a construir. Qual é o sentido desse sanduichinho que eles fazem? O doce lembra a alegria da libertação, mas a erva amarga lembra sofrimento. O sofrimento, aquilo que os egípcios causaram, a dor que causou nos hebreus. E juntam os dois, lembram do sofrimento, mas também a alegria da libertação. Só quem conheceu a dor sabe o que é a doçura da liberdade. É esse sentido da vida também do cristão, é cheio de sofrimento, mas também tem a doçura de Deus e por isso não dá para dizer que tem o mais importante os principais, o pão e o cordeiro.

Qual o significado dos 4 copos de vinho?

As quatro taças são em torno de 300, quase 400 ml de vinho. Lógico que não ao longo do tempo. Cada taça é tomada num momento específico. A primeira taça é o presidente que conduz a celebração que dá. Ele enche essa taça e abençoa. Depois uma segunda taça antes da ceia, depois uma terceira taça. Logo após a ceia e por último uma última taça. Qual o significado? No livro do Êxodo, no capítulo seis, tem quatro verbos que identificam o significado dessas quatro taças: vou fazer sair, vou libertar da sua escravidão, e vos resgatarei com o braço estendido e com grandes julgamentos tomar-vos-ei por meu povo. Ou seja: resgata, liberta, salva e conduz. Só que eu queria chamar a atenção para esse terceiro cálice. Conduz para a terra prometida. Então esse é o quarto. O terceiro é o cálice do resgate. Paulo, na primeira carta aos Coríntios, capítulo dez, versículo 16, ele dá o nome para esse cálice, o cálice da bênção. É curioso esse terceiro cálice, que é depois da ceia, é o cálice que a gente usa na celebração eucarística e abençoa. E esse cálice com o vinho que Jesus transforma em seu sangue. Assim como o pão que Jesus ressignificou, o vinho também. A narrativa da instituição da Eucaristia conta isso. O Padre repete as palavras de Jesus: depois da ceia pegou o pão, depois pegou o cálice. Esses dois elementos para nós cristãos, levando em consideração a Páscoa judaica, são os mais importantes: pão e o vinho. Só que esse vinho que eles bebem, que é o terceiro cálice, o cálice da bênção, Paulo fala para nós, se tornou sangue de Cristo. E conhecendo toda essa celebração judaica, a gente vai se aprofundando, entendendo também a Santa Missa, a Eucaristia, que é o momento da comunhão o momento principal da Missa, também a nossa Ceia.

Entrevista concedida a Priscila Thomé Nuzzi, disponível integralmente no Youtube do Santuário São Judas Tadeu! Assista na íntegra, acessando o nosso endereço: <https://www.youtube.com/live/tlmVoqncCOA>



A esperança NOS SOFRIMENTOS

A vida não é fácil para ninguém, todo dia há um novo desafio. Todos nós, em algum momento, enfrentamos dificuldades, dores, incertezas, angústias e medos. O sofrimento pode vir de várias formas – seja físico, emocional ou espiritual – e nos faz questionar muitas coisas. Tanto os sofrimentos que nós escolhemos passar, como aqueles que nos alcançam pelas escolhas de outras pessoas.

No entanto, a fé cristã nos ensina que, mesmo nas maiores adversidades, podemos encontrar força e sentido ao confiar em Deus. A confiança é o alimento da esperança. Nesse sentido, o Papa Bento XVI, em sua carta encíclica *Spe Salvi*, explica que a esperança cristã não é um simples otimismo, mas uma certeza que vem da fé em Cristo. Afinal, Ele venceu a morte e nos deu a promessa da vida eterna. Isso significa que a esperança não apaga o sofrimento, mas nos ajuda a enxergar além dele, encontrando um propósito até mesmo nas dores que vivemos.

Esperar em Deus não significa ignorar a realidade ou viver em um mundo de ilusões. Pelo contrário, é um convite para enfrentar a vida com coragem e disposição. O Papa Francisco, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, nos lembra que a esperança cristã se reflete na alegria e no testemunho. Desse modo, não podemos permitir que as dificuldades diminuam ou apaguem nossa fé, porque sabemos que o sofrimento nunca será a palavra final. A ressurreição de Cristo nos provou que existe algo maior do que qualquer tribulação e, por isso, Deus sempre tem um plano e uma missão para cada um de nós.

Mas a verdade é que, diante da dor, às vezes sentimos que nossa fé vacila, isto é, permitimos nos enfraquecer diante dos desafios que chegam até nós. Assim, a tentação do desespero é real. Em *Spe Salvi*, Bento XVI reflete sobre isso, mostrando que a esperança cristã não elimina as provações, mas nos ensina a vivê-las de forma reden-

tora. Os santos são grandes exemplos disso: muitos enfrentaram perseguições, dificuldades e até mesmo a morte, mas nunca perderam a confiança em Deus. Isso nos ensina que a esperança não é apenas um sentimento, mas uma força que nos sustenta nos momentos mais difíceis.

Nos dias de hoje, quando tantas pessoas sofrem e se sentem perdidas, a esperança se torna ainda mais essencial. O Papa Francisco sempre fala sobre a importância de sermos “cristãos esperançosos”, que não se deixam abater pelas dificuldades. Confiar em Deus não significa ficar de braços cruzados esperando um milagre, mas agir, ajudar os outros e ser um sinal de amor e misericórdia no mundo. A esperança deve nos mover a fazer a diferença na vida das pessoas ao nosso redor. Por isso, vivemos uma esperança da ação, do movimento e da dinamicidade.

O maior exemplo de esperança diante do sofrimento é a cruz de Cristo. No Calvário, Jesus sentiu dor, angústia e até o abandono, mas nunca deixou de confiar no Pai, a famosa frase de Jesus no horto das oliveiras é prova disso: “Pai afasta de mim este cálice, mas que seja feito a vossa vontade”, diante do desespero e da angústia, Jesus confiou vigorosamente no Pai.

Nesse sentido, o Papa Bento XVI nos ensina que a cruz não foi o fim, mas o caminho para a ressurreição. Isso nos faz perceber que nosso próprio sofrimento pode ter um significado maior quando vivido com fé. Quando unimos nossas dores às de Cristo, encontramos força para seguir em frente e crescer espiritualmente.

Além disso, a esperança é um remédio poderoso contra o individualismo e o desânimo tão comuns na sociedade atual. O Papa Francisco nos encoraja a sermos “missionários da esperança”, ou seja, a levarmos essa luz para quem está desanimado e sem forças. A esperança não pode ser algo só nosso; ela precisa ser compartilhada.

Quando ajudamos os outros a enxergarem um sentido para suas vidas, nossa própria esperança se fortalece.

Para manter viva essa esperança, é essencial cultivá-la na oração e na Palavra de Deus. Bento XVI ensina que a oração nos educa na esperança, pois nos aproxima de Deus e nos dá forças para enfrentar os desafios diários. A Sagrada Escritura está cheia de exemplos de pessoas que confiaram em Deus mesmo nos momentos mais difíceis, como Abraão, que acreditou na promessa divina, e Maria, que permaneceu firme ao pé da cruz, esperando a vitória de Cristo.

A comunidade de fé também tem um papel fundamental nesse caminho. Quando enfrentamos dificuldades, estar cercado por pessoas que compartilham da mesma fé nos fortalece. O Papa Francisco diz que “ninguém se salva sozinho”, e isso é uma grande verdade.

Caminhar junto com outros cristãos nos ajuda a manter a esperança viva e a enfrentar os desafios com mais coragem.

Diante de tudo isso, fica claro que viver a esperança em Deus é essencial para superar os sofrimentos da vida. Como nos ensinam Bento XVI e Francisco, essa esperança não é uma ilusão, mas uma certeza baseada na fé em Cristo. Quando confiamos plenamente em Deus, percebemos que nenhuma dor é definitiva e que sempre há uma luz no fim do túnel. Assim, seguimos em frente com confiança, sabendo que Deus caminha conosco e que, em Seu amor, encontramos a força para continuar.

**“
O maior exemplo de
esperança diante do
sofrimento é a cruz de
Cristo”**



Mestre Pe. Rarden Pedrosa,scj

Mestre em Educação na PUC-SP. Pós-graduado em Ontologia, Gestão Educacional e Psicologia Educacional. Secretário da Associação Dehoniana Brasil Meridional – ADBM. Contatos: rardenscj@gmail.com @rardenpedrosa



A VIDA DOS SANTOS EM NOSSA VIDA



Santa Bernadete Soubirous

O mês de abril nos traz à lembrança uma santa que se caracterizou pela pobreza, pela simplicidade, pela honestidade e pela fidelidade: Santa Bernadete Soubirous.

Nascida em Lourdes, nos Pirineus franceses, no dia 7 de janeiro de 1844, em uma família muito pobre, a pequena pastora de ovelhinhas recebeu uma graça especial: a de testemunhar uma série de dezoito aparições de Nossa Senhora. Inicialmente, ela, que tinha apenas 14 anos, não dizia ter visto a Mãe de Jesus, mas que havia visto uma jovem, envolva em luz, na gruta denominada Massabielle (“rocha velha”), junto à margem do rio Gave, em Lourdes.

Desde a divulgação das primeiras aparições, a pedido do Pároco de Lourdes, ela perguntou àquela senhora quem ela era. Finalmente, a senhora se apresentou: “Eu sou a Imaculada Conceição”. Agora, finalmente Bernadete podia dar ao Pároco a resposta que ele tanto queria. E, para não se esquecer do que ouvira, a jovem Bernadete correu da gruta à Casa Paroquial, repetindo para si mesmo a frase que escutara. Quando o sacerdote abriu a porta, ela lhe disse: “Eu sou a Imaculada Conceição”. Pe. Dominique se emocionou: ele sabia que aquela menina, analfabeta, era incapaz de entender o significado de tal expressão. Afinal, quatro anos antes havia sido proclamado, por Pio IX, o dogma que proclamava que “A Bem-aventurada Virgem Maria, desde o primeiro instante de sua concepção, por um privilégio e uma graça única de Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, foi preservada imune de toda mancha da culpa original”.

A vida de Bernadete não foi fácil. Bem que Nossa Senhora lhe prometeu fazê-la feliz não neste mundo, mas no outro. Se até então sua vida tinha sido marcada por sofrimentos – por exemplo, além de morar num local inadequado, pois era uma anti-

ga cadeia, viu seu pai ser acusado e preso por roubo. Que provas havia contra ele? Todos concluíram que, como ele era a pessoa mais pobre do lugar, devia ter sido ele que roubara farinha de um moinho... O pai foi absolvido, mas a família continuou pobre.

A jovem Bernadete tinha asma, tuberculose e um tumor ósseo no joelho. Mas ela de nada se queixava. Pior eram as acusações de que era mentirosa, e que inventara a história das aparições para ter algum destaque na comunidade. Multiplicaram-se os interrogatórios por parte das autoridades e ela tinha como seu único defensor o Pároco, que acreditava na veracidade do que ela dizia. Mais tarde Bernadete confidenciou que, para ela, sofrimento mesmo era ter testemunhado a dor de Nossa Senhora, que padecia por ver seus filhos e filhas afastados de Deus.

Em 1862 – portanto, quatro anos depois dos acontecimentos – o Bispo de Tarbes reconheceu oficialmente as aparições. Começaram, então, as peregrinações a Lourdes. Bernadete, contudo, quando tinha 22 anos, despediu-se da Gruta e da família, e foi para o Convento de Nevers. Quis dar esse passo para se consagrar totalmente ao Senhor, mas não foi para ela um passo fácil. Como ela mesma dizia: “A Gruta era o meu céu”. Morreu quando tinha 35 anos.

Sua beatificação ocorreu cem anos atrás. Foi canonizada no dia 8 de dezembro de 1933, pelo Papa Pio XI. Sua festa litúrgica é no dia 16 de abril.

Hoje, Lourdes recebe anualmente três milhões de peregrinos. Muitos ali vão em busca da cura física, e um grande número recebe essa graça. O certo é que quem vai a Lourdes em uma experiência de fé retorna para sua casa com algumas certezas: a da importância da conversão, da oração e de que quem sofre é chamado a completar em sua carne o que falta à Paixão de Cristo (cf. Cl 1,24).

Santa Bernadete, rogai por nós!



Dom Murilo S.R. Krieger, scj

Arcebispo Emérito de São Salvador-BA



POR QUE EXISTE O SOFRIMENTO?

Do ponto de vista natural, pode-se dizer que o sofrimento decorre da própria natureza do homem. Todo ser dotado de sensibilidade está sujeito à dor, assim como à alegria. Quando os objetos ou as pessoas estão em harmonia com sua sensibilidade, ela experimenta prazer; quando, ao contrário, ferem essa sensibilidade, ele sofre. É possível, portanto, sofrer sem culpa própria.

Mas a fé nos ensina que o sofrimento entrou no mundo por causa do pecado. Por um ato de bondade infinita e essencialmente gratuita, Deus havia preservado o homem da dor.

Criado em lugar de delícias, ele devia, se fosse fiel a Deus, passar deste Paraíso terrestre diretamente para o Céu, para nele gozar por toda a eternidade, de uma felicidade sem sombras. O pecado de Adão, transmitido a seus descendentes, veio transtornar este belo plano. Com o pecado, a dor e a morte entraram no mundo, não somente como uma consequência natural da sensibilidade, mas também como um castigo pelo pecado.

Era justo: pois, tendo o homem pecado por um amor desordenado ao prazer, para satisfazer o seu orgulho e a sua sensualidade, era bom que ele sofresse para expiar a sua falta, e para sentir-se mais inclinado a evitar toda a transgressão. Vendo que há uma justiça imanente e que o culpado é punido por seu pecado.

Assim, o sofrimento que parece ser um mal, torna-se um bem na ordem moral, uma reparação e um preventivo contra novas transgressões. Essa ideia se torna mais clara com o grande mérito da Redenção. Para reparar a ofensa infinita cometida contra Deus por nossos primeiros pais e por sua posteridade, o Filho de Deus consente em fazer-se homem, e tornar-se o representante da Humanidade culpada. Em assumir sobre si o peso de nossas iniquidades, em expiá-las por trinta e três anos de sofrimentos e, sobretudo, pela imolação no Calvário. Assim, o sofrimento é reabilitado, enobrecido e divinizado.

Já não é mais somente um castigo, mas um ato de obediência aceito voluntária e generosamente por amor. Um ato que, na pessoa de Jesus Cristo, tem um valor infinito.

Por ele, Jesus glorifica a Deus muito mais do que o pecado que O havia ofendido, e coloca o homem, sob vários pontos de vista, a um estado superior ao de Adão inocente. Esse ato tem para nós, portanto, as mais felizes consequências. Associando nossos sofrimentos aos seus, Nosso Senhor Ihe confere um valor incomensurável. Eles se tornam, não mais um castigo, mas uma reparação. Nós havíamos pecado por desobediência e por egoísmo. Ao sofrer com Jesus e por suas intenções, reparamos nossa falha por um ato de obediência e de amor. Mas, além disso, utilizamos o sofrimento para progredir na santidade. Cada dor pacientemente suportada por amor a Jesus aproxima-nos de Deus e aumenta nosso amor por Ele. E aumenta, ao mesmo tempo, a glória que nos caberá no Céu. Como afirma São Paulo: “nossas tribulações são breves e fáceis de suportar, em comparação com a glória imensa e eterna que receberemos em recompensa!”

Por isso o apóstolo se alegra em suas enfermidades e se gloria em suas tribulações. Feliz por uni-las às do Cristo Jesus e completar assim Sua Paixão, para o maior bem da Igreja e das almas.

Milhões de santos, caminhando nas pegadas do Mestre, sofreram e sofreram com alegria. Dentre eles, muitos se ofereceram como vítimas, seja à Justiça divina para expiar suas faltas e as dos outros. Seja ao Amor, para serem consumidos pela Divina Caridade, para viver e morrer como mártires e assim ter uma parte maior na eterna visão e no eterno amor.

Fonte: “A Divinização do Sofrimento”
Pe. Adolphe Tanquerey.



SANTUÁRIO EM FOCO



AS CARACTERÍSTICAS PARTICULARES DESTESANTUÁRIO

Por ocasião do Ano Jubilar da Igreja, celebrando os 2025 anos do nascimento de Cristo, e a Paróquia e Santuário São Judas Tadeu sendo uma das escolhidas como local de peregrinação na Arquidiocese de São Paulo, ocorre do Departamento de Comunicação do Santuário receber perguntas de repórteres e os encaminhar aos Padres Dehonianos, que trabalham no Santuário, para inúmeras entrevistas. Dentro desses questionamentos é recorrente a questão do que o Santuário tem feito especialmente para receber os peregrinos no Ano Jubilar? Diante dessa questão torna-se oportuno informar que essa Paróquia e Santuário, que já tem 85 anos de caminhada, constantemente tem se aperfeiçoado e se aprimorado na arte de acolher os fiéis devotos de São Judas Tadeu, tanto no cuidado com a manutenção e melhorias de seus espaços sagrados, quanto no empenho de preparar bem seus colaboradores, agentes e voluntários, com cursos, formações e momentos de espiritualidade diversos. Os Padres que são transferidos para o Santuário a cada ano, recebem palestras e ambientação, para o devido preparo de servir aqui. Tudo para que as pessoas que frequentam semanalmente ou apenas visitam esse Santuário, por ocasião do Ano Jubilar, por exemplo, tenham um verdadeiro encontro com Deus, nos Sacramentos, na oração, na prática de sua devoção a São Judas Tadeu, no pertencimento a alguma Pastoral ou serviço.

Portas abertas para os fiéis

A igreja antiga está aberta das 6h às 20h, para a oração pessoal, visita à imagem do Padroeiro, para a celebração de missas em dias de semana e de outros Sacramentos, como o Batismo e o Matrimônio, e também para a Adoração ao Santíssimo Sacramento e a oração da Via-sacra, terços e Ofício mariano. Os altares laterais da igreja antiga, com imagens de vários santos e as Capelas da Paixão e dos Milagres, criadas em 2021, favorecem a piedade popular.

Atendimento espiritual dos Padres Dehonianos

A igreja nova é destinada prioritariamente às celebrações da Eucaristia. É sóbria, formada por doze colunas em referência aos 12 Apóstolos, que convergem para o altar que representa Cristo e para um grande crucifixo de madeira (8 metros), que traz presente a oblação de Cristo que nos amou e deu sua vida por nós (cf. Ef 1,10). A imagem do Padroeiro, apóstolo e mártir, lembra aos devotos a sua vida e missão.

A celebração das missas diárias 6 vezes ao dia durante a semana, 8 vezes aos domingos, 10 a 12 vezes nos dias 28. O atendimento espiritual, para o Sacramento da Reconciliação (Confissão) e orientação espiritual aos fiéis. São 12 horas de atendimento diário, das 8h às 20h em dias de semana, das 8h às 18h aos sábados, domingos e feriados.

O ministério da bênção para as pessoas e os objetos que trazem para serem abençoados. A bênção é celebrada de meia em meia hora, diariamente, na Capela de Bênçãos, com leitura da Palavra de Deus e breve oração.

Seja para lucrar as Indulgências deste Ano Jubilar 2025, ou não, a Paróquia e Santuário São Judas Tadeu é um espaço especial dentro da cidade para quem deseja dar graças a Deus pelas bênçãos e a vida, reconhecendo a forte intercessão de São Judas Tadeu junto a Deus em favor de seus devotos.



Priscila de Lima Thomé Nuzzi



A VITAMINA D E SEUS BENEFÍCIOS



Foto: br.freepik.com

A falta de vitamina D é muito mais comum do que se pensa, e os baixos índices desse tipo de vitamina está presente na população mundial e em todas as faixas etárias e etnias. No Brasil há estudos que indicam que 60% dos adolescentes, 40 a 58 % entre jovens adultos e entre 42% a 83% dos idosos têm falta de vitamina D.

Nós conseguimos a vitamina D em poucas quantidades nos alimentos, cerca de 10% a 20% vem da nossa dieta, e os principais alimentos ricos em Vitamina D são: peixes de água fria como o salmão e o atum, fígado, tilápia e a gema do ovo. O restante (cerca de 80% a 90%), é produzido pelo nosso próprio organismo. Mas para que ocorra esta produção, devemos receber diretamente a luz solar, com o contato dos raios ultravioletas do sol em nossa pele. Somente assim inicia-se a produção de vitamina D nas camadas mais profundas da derme, e depois de metabolizado pelo fígado e rins, a vitamina D chega a todos os tecidos do nosso corpo, nos trazendo muitos benefícios à saúde.

Esquema simplificado de produção de vitamina D pelo organismo

Mas você já se perguntou para quê serve a vitamina D, de fato? Ela principalmente ajuda na metabolização do cálcio, ou seja, é muito importante na saúde dos ossos, ajudando na prevenção de doenças, como osteoporose e artrites. Mas não só isso, a Vitamina D é comprovadamente eficaz na

melhora da imunidade, inflamações, pressão arterial e participa na regulação de processos de multiplicação e diferenciação celular. Em outras palavras, a vitamina D tem um papel importante para evitar o câncer.

Uma alternativa para melhorar os níveis de vitamina D no organismo é a suplementação em forma de comprimido. Entre os adultos, as doses diárias de manutenção variam entre 400 e 2.000 UI, de acordo com o grau de exposição solar. Entre os idosos, as doses recomendadas variam de 1.000 a 2.000 UI ao dia ou 7.000 a 14.000 UI semanais. Por isso, temos que ter cuidado, pois não devemos tomar muito mais vitamina D do que o médico receita ou por conta própria. O excesso pode levar a efeitos indesejados como fadiga, fraqueza, alteração no processo mental, irritabilidade, náuseas, vômitos e constipação.

Por fim, sabemos que tomar aquele sol da manhã ou no fim de tarde pode nos trazer muito mais benefícios à nossa saúde do que imaginamos.

Fontes:

1. <https://www.scielo.br/j/abc/a/c8jsLQfhyjg6xQZ-4gPxxMJp/> Suplementação de Vitamina D
2. <https://www.scielo.br/j/abem/a/MTXBWgkFtspJD-CWNNJbmQzC/> O sistema endocrinológico vitamina D
3. <https://www.scielo.br/j/rbr/a/5BcvSsQChJPXXD8Q9Pz-ff8H/> A importância dos níveis de vitamina D nas doenças autoimunes



Pedro Augusto Freitas Bandeira
Farmacêutico da Obra social São Judas Tadeu



A INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA E A MISSÃO DOS APÓSTOLOS DE FORMAR E CONDUZIR A IGREJA DE JESUS

No Evangelho de São Mateus, capítulo 26, versículos 17 e 27, lemos: “No primeiro dia dos Ázimos, quando se imolava o cordeiro pascal, Jesus reuniu os apóstolos ao redor da mesa para ceia pascal. Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, tendo pronunciado a bênção, partiu-o e entregou-lhes, dizendo: ‘Tomai, isto é o meu corpo’. Em seguida, tomou o cálice, deu graças, entregou-lhes, e todos beberam dele. Jesus lhes disse: ‘Isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos. E recomendou-lhes: ‘Fazei isto em memória de Mim.’”

Jesus Cristo, celebrando a Ceia Pascal com os apóstolos, e ali, contemplamos, de modo particular, a presença de **Judas Tadeu**. Na narrativa não se menciona Nossa Senhora, que, talvez estivesse num lugar ali próximo, em oração, pois, como mãe, certamente sentia o que aconteceria com o Filho nas próximas horas: sua prisão, flagelação, condenação e a morte.

Ao final da ceia, Jesus toma nas mãos o pão, o reparte, e diz: “Tomai e comei todos, isto é meu corpo”. A seguir, o cálice com vinho, e diz: “Tomai e bebei todos, isto é meu sangue”. E a eles entregou, pão e vinho, sinais perfeitos do seu corpo e do seu sangue, da sua Vida, e em seguida, recomendou: “Fazei isto em memória de Mim”.

Judas Tadeu, presente e atento, sentiu o forte apelo da sua missão. Certamente celebrou esta mesma ceia, muitas vezes, onde evangelizava a tantos povos, desde a Galileia até as mais longínquas regiões da Ásia menor. A Eucaristia fortalece a missão de São Judas e dos apóstolos de formar e conduzir a Igreja de Jesus Cristo no mundo.

Peçamos a Nossa Senhora, mulher eucarística e a **São Judas Tadeu**, apóstolo da Última Ceia, a graça de celebrar dignamente a Santa Eucaristia e dela participar plenamente da comunhão do Corpo e Sangue do Senhor, a fim de que, através de nós, o mundo creia que Jesus Cristo é o Senhor da Vida e da Ressurreição.

Reflexão adaptada do Terço de Nossa Senhora e de São Judas Tadeu, rezado na Paróquia e Santuário São Judas Tadeu.





O QUE A IGREJA DIZ SOBRE A DOAÇÃO DE ÓRGÃOS

Guiados pela luz do Evangelho de Cristo, vemos na doação voluntária de órgãos um gesto de amor fraterno em favor da vida e da saúde do próximo. É uma prova de solidariedade, grandeza de espírito e nobreza humana. Recordamos antes de tudo a Palavra do Senhor, que diz: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10,45).

O magistério da Igreja tem se manifestado favorável à doação voluntária de órgãos. O Catecismo da Igreja Católica afirma: “a doação gratuita de órgãos após a morte é legítima e pode ser meritória” (n. 2301). A encíclica *Evangelium Vitae* ensina: “merece particular apreço a doação de órgãos feita segundo normas eticamente aceitáveis para oferecer possibilidades de saúde e de vida a doentes, por vezes já sem esperança” (n. 86). O Papa João Paulo II por ocasião do 18º Congresso Internacional sobre Transplantes de Órgãos, dizia: “A doação de órgãos é uma decisão livre de oferecer, sem recompensa, uma parte do próprio corpo em benefício da saúde e do bem-estar de outra pessoa”. (Roma, 29 de agosto de 2000).

Manifestamos nossa solidariedade para com milhares de pessoas que estão em lista de espera, na expectativa de receber algum órgão para sua sobrevivência, recuperação e saúde. Encorajamos as pessoas e especialmente as famílias a que – livre, conscientemente e com a devida proteção legal – doem órgãos como gesto de amor solidário em consonância com o evangelho da vida. Certamente estamos diante de um gesto nobre e comovente: um sim à vida. Aproveitamos a ocasião também para recordar que

a moral católica considera lícita não apenas a doação voluntária de órgãos, bem como os transplantes. Encorajamos a todos a colaborar sempre mais com as doações de sangue e de medula óssea, tão necessárias.

No entanto, destacamos que a doação de órgãos exige rigorosa observância dos princípios éticos que proíbem a provocação da morte dos doadores, a comercialização e o tráfico de órgãos. Sejam conscienciosamente respeitadas a inviolabilidade da vida e a dignidade da pessoa. A ética determina, ainda, que o consentimento do doador ou

de sua família seja livre e consciente, após ter recebido todas as informações requeridas.

A Lei Federal nº 10.211 de 23 de março de 2001, determina que a família tem o direito de decidir a doação de órgãos da pessoa em estado de morte encefálica; assim, aqueles que se dispõem à doação, devem manifestar previamente aos familiares a sua intenção. O Sistema

Nacional de Transplantes é que decide sobre os critérios de destinação justa dos órgãos doados e sobre a organização das listas de espera, evitando e coibindo toda tentativa de comércio de órgãos.

A doação de órgãos não contraria à fé cristã na ressurreição final, pois “Deus dá vida aos mortos e chama à existência o que antes não existia” (Rm 4,17). Todos aqueles que se dispõem a doar órgãos aos irmãos, tenham a certeza de que o amor e tudo o que se faz por amor permanecerá para sempre: “o amor jamais acabará” (1Cor 13,8).

Dom Geraldo Lyrio Rocha

(in memoriam) foi o arcebispo emérito de Mariana e Presidente da CNBB, falecido aos 81 anos, em 26 de julho de 2023.

**“
A doação de órgãos
é uma decisão livre
de oferecer, sem
recompensa, uma parte
do próprio corpo em
benefício da saúde e
do bem-estar de outra
pessoa”**



PEREGRINOS DE ESPERANÇA NO SANTUÁRIO PELO ANO JUBILAR

No mês de março aconteceram várias Peregrinações de grupos que vieram à Paróquia e Santuário São Judas Tadeu, por ocasião do Ano Jubilar, com o objetivo de ganhar Indulgência Plenária. Confira:



02/03

53 Peregrinos de Campo Grande (Mato Grosso do Sul), da Paróquia e Santuário Diocesano São Judas Tadeu, com o Pe. Alex S. Messias



07/03

90 membros do Apostolado da Oração da Paróquia e Santuário São Judas Tadeu



Fotos: Valéria Sales Majilice e PASCOM do Santuário SJT.



15/03

70 Peregrinos Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Vila Guarani



16/03

100 Peregrinos Santuário Mãe e Rainha de Schoenstatt, Vila Mariana

Agende a sua Peregrinação de comunidade, grupo ou pastoral para a Paróquia e Santuário São Judas Tadeu, neste Ano Jubilar. Agende pelo tel. (11) 3504-5700.

AJUDE-NOS A EVANGELIZAR!

Família dos Devotos de São Judas Tadeu Doações online: www.saojudas.org.br
Depósito bancário: Banco Bradesco:
Ag 2818-5, c/c 0028-0. CNPJ 63.089.825/0115-02.



SÃO JUDAS TADÉU

Apóstolo da reparação

*“Arrependei-vos, pois, e convertei-vos
para serem apagados os vossos pecados,
de sorte que venham os tempos de
refrigério pela presença do Senhor”
(At 3, 19).*



Caros leitores, devotos de São Judas Tadeu, nestes meses de março e abril somos convidados a viver uma experiência profunda. Os três verbos que dão forma ao lema deste mês, ressoam fortemente em nossos corações: “arrependei-vos”, “convertei-vos” e para que sejam “apagados” os vossos pecados (At 3, 19). Estes verbos expressam a dinâmica essencial da vida cristã e o caminho para a comunhão plena com Deus.

O primeiro verbo, “Arrependei-vos”, remete a um movimento interior de reconhecimento do pecado e um desejo sincero de retornar ao Pai. Essa disposição demonstra que a pessoa já está sendo tocada pela graça divina, que ilumina a consciência e move o coração à conversão.

O segundo verbo, “convertei-vos”, refere-se à “*metanoia*”, que quer dizer mudança de mentalidade. Indica um agir concreto de abandono do pecado para aderir à vida nova em Cristo. A conversão é um processo contínuo, alimentado pela Palavra de Deus, pela oração e pela vivência sacramental, especialmente do Sacramento da Reconciliação, que faz o fiel voltar o seu coração espiritualmente para Deus, reconhecendo Jesus como o Senhor (Fl 2, 5-12).

Por fim, “apagar” os vossos pecados orienta para a purificação que Deus concede àqueles que sinceramente buscam Sua misericórdia. No Sacramento da Penitência, experimentamos o perdão de Deus que restaura a nossa amizade com Ele, renova a alma e torna-nos templos vivos do Espírito Santo. Dessa experiência, Cirilo de Jerusalém (*século IV*) nos ensina com a imagem da purificação batismal. Cirilo diz que “tendo despedido as velhas vestes e revestido espiritualmente a veste branca, é necessário estar sempre vestido de branco” (*Catequeses Mistagógicas IV, 8*).

A busca pelo perdão e pela reconciliação é um dos aspectos centrais da vida cristã e da restauração da comunhão com Deus. O Papa Francisco afirmou que “o Sacramento da Reconciliação é um ‘verdadeiro caminho de santificação’”, pois “é o sinal eficaz que Jesus deixou à Igreja para que a porta da casa do Pai permaneça sempre aberta, sendo assim sempre possível o retorno dos homens a Ele” (*Audiência na Sala Paulo VI, em 29 de março de 2019*).

No entanto, a busca pelo perdão não deve ser motivada apenas pelo desejo de

aliviar a consciência ou apagar culpas momentâneas, mas como um passo decisivo para restaurar no ser humano a imagem e semelhança de Deus, ferida pelo pecado. A pessoa que busca a reconciliação com o Pai tem a intenção de reconstruir a vida de santidade, uma existência nova, pois esse é o caminho que todo discípulo e seguidor de Jesus deseja trilhar.

São Judas Tadeu, apóstolo missionário de Cristo, desempenhou um papel fundamental na transmissão da fé e na exortação à santidade. Em suas pregações ajudou muitas pessoas a ouvirem e seguirem a voz do Senhor. Sua Carta no Novo Testamento é um forte testemunho desse compromisso, pois exorta os fiéis a perseverarem na fé autêntica e a buscarem a reconciliação com Deus, colocando sua esperança na misericórdia do Senhor (cf. Jd 20-23).

Ser devoto de São Judas Tadeu significa reconhecê-lo como intercessor nas causas impossíveis, pois ele intercede especialmente por aqueles que buscam a misericórdia divina e a restauração espiritual. Ao longo da história, sua missão apostólica tem sido refletida nessa devoção, e seus ensinamentos continuam a inspirar os fiéis na busca pela santidade e na reconciliação com Deus.

Neste Ano Jubilar, que cada cristão busque a reconciliação, não apenas como um dever a ser cumprido ou um meio de aliviar a consciência, mas como um compromisso de renovação interior, percorrendo um caminho de “peregrino de esperança” para abraçar com alegria e determinação o chamado de Cristo: “Sede santos, porque eu sou santo” (1Pd 1,16).

Dessa forma, este tempo litúrgico que vivenciamos – a Quaresma – nos impulsiona a um exame profundo da nossa caminhada cristã. Que São Judas Tadeu interceda por nós e nos auxilie a responder generosamente a este chamado, para que, renovados pela graça e conduzidos pelo Espírito Santo, possamos celebrar com alegria a Páscoa do Senhor.

Louvado seja o Senhor!



Sami N. Abraão

Agente de pastoral na Paróquia e Santuário São Judas Tadeu.



**SAGRADO CORAÇÃO
DE JESUS: RAÍZES DA
ESPIRITUALIDADE
DEHONIANA**

O culto ao Coração de Jesus foi popularizado, a partir do século XVII, por Santa Margarida Maria Alacoque (+1690), que lhe juntou as características da oblação reparadora e da imolação, até então reservada a alguns fiéis. Além disso, a santa provocou uma mudança que teve grande influência nos séculos seguintes: a passagem da contemplação às práticas devocionais, tais como a **missa e comunhão reparadoras, as primeiras sextas-feiras do mês, a hora santa, a adoração eucarística, a celebração do mês de junho e da festa do Coração de Jesus**. O Padre Dehon, como contemplativo, irá viver e recomendar essas práticas devocionais porque, sem elas, corre-se o risco de esquecer a contemplação. Mas dará à espiritualidade do Coração de Jesus uma perspectiva mais global: a união de toda a nossa vida à “oblação reparadora de Cristo” (Cst. 6), e não apenas o cumprimento de algumas práticas devocionais. É o ideal que propõe aos seus seguidores: fazer de toda a vida “uma missa permanente” (Cst. 5).

Outro importante contributo dado pelo Fundador à espiritualidade do Coração de Jesus foi abri-la à dimensão social. O culto iniciado na intimidade do coração e da comunidade religiosa, ou do grupo de fiéis leigos, há de chegar ao empenhamento missionário e social em favor de quem precisa. Influenciado por elas, o Padre Dehon, inicialmente preocupado com renovação intelectual do clero, passa a insistir na reparação e na santificação do mesmo clero.

O mesmo espírito de reparação levou o Padre Dehon a voltar-se para o sonho do “reino social do Coração de Jesus”, uma sociedade caracterizada pela justiça e pela caridade. O Fundador queria cooperar com Cristo na “reparação e no reino do seu Coração” (NHV, XIV, 73). “Nosso Senhor pede o mesmo abandono... para a reparação e para o reino do seu Coração” (ibidem, 77). Falar de reino do Coração de Jesus, para o Padre Dehon, é falar da presença de Cristo como caridade. Trata-se de uma presença

nas almas, como fonte de vida nova e santidade, e nas sociedades como força de renovação em ordem ao que hoje chamamos a Civilização do Amor. O Padre Dehon não usou essa expressão, mas escreveu, falou e trabalhou por uma sociedade caracterizada pela justiça e pela caridade. Segundo os ensinamentos dos últimos papas, a civilização do amor consiste exatamente nisso: uma civilização caracterizada pela justiça e pela caridade. Estamos, pois, perante uma concepção espiritual que é também social, e engloba toda a humanidade. Não se trata de uma utopia, porque, para Leão Dehon, pressupõe permanente confronto dos problemas e condições concretas da sociedade com os princípios evangélicos da justiça e da caridade.

O culto ao Coração de Jesus é, para o Padre Dehon, uma força criativa e inovadora permanente, que leva ao povo, que deve ser promovido e salvo, remetendo-o para

o Coração de Cristo, porque só Ele é o Salvador. Esta ligação entre vida espiritual e empenhamento social e político são uma intuição estimulante e inovadora do Padre Dehon que o levou a estar atento aos sinais dos tempos e fazer várias “conversões” e “roturas” na sua ação pastoral e mesmo nas suas convicções pessoais: passagem de um “apostolado espiritual” a um “apostolado social”, de monárquico a republicano e democrata, naturalmente democrata cristão, porque, como ele escreve, “a democracia ou será cristã ou não existirá” (RSC, III, agosto 1903, 375). Democracia cristã, aqui, é uma corrente de pensamento, sem qualquer conotação político-partidária. De fato, Leão Dehon foi um dos “padres democratas” do século XIX. Mas, quando a democracia cristã se tornou um partido político, o Padre Dehon retirou-se desse movimento, a que chegou a presidir.

Fonte: <https://www.dehonianos.org/portal/raizes-da-espiritualidade-dehoniana/> - site da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus (dehonianos) em Portugal.

“Nosso Senhor pede o mesmo abandono... para a reparação e para o reino do seu Coração” diz Pe. Dehon



VOCÊ SABE O QUE É UM ATO DE REPARAÇÃO DOS PECADOS?

A espiritualidade reparadora faz parte da piedade cristã, pois é um dos efeitos constitutivos do mistério da redenção realizado por Jesus Cristo. O Catecismo da Igreja Católica nos ensina que “toda a vida de Cristo é mistério de Redenção”. Esta nos vem, antes de tudo, pelo sacrifício de Cristo na cruz, mas esse mistério está em ação em toda a vida de Jesus. Por isso, Sua submissão a José e Maria, no tempo de Sua vida oculta, serve de “reparação para nossa in-submissão”. Entretanto, a reparação dos nossos pecados acontece de forma radical e definitiva no sacrifício de Cristo:

“Como pela desobediência de um só homem todos se tornaram pecadores, assim, pela obediência de um só, todos se tornarão justos”. Pela Sua obediência até a morte, Jesus se tornou o Servo Sofredor, que oferece Sua vida em “sacrifício expiatório”. Cristo “tomou sobre si o pecado de muitos homens”, justificou-os tomando “sobre si suas iniquidades”. Por Seu sacrifício na cruz, “Jesus prestou reparação por nossas faltas e satisfaz o Pai por nossos pecados”.

A importância dos sacramentos

Essa reparação pelos nossos pecados, realizada por Jesus Cristo no Seu sacrifício na cruz, está presente nos sacramentos e se atualiza na celebração da Santa Missa. Pois, “enquanto sacrifício, a Eucaristia é também oferecida em reparação dos pecados dos vivos e dos defuntos, e para obter de Deus

benefícios espirituais ou temporais”. Por isso, a participação na Santa Missa nos faz participantes da obra reparadora de Jesus Cristo. Na celebração da Eucaristia, a reparação pelos nossos pecados e pelos pecados do mundo faz parte do culto espiritual oferecido a Deus, juntamente com devida adoração, a ação de graças e a súplica.

No sacramento da penitência, a reparação pelos pecados cometidos também está presente, pois, na absolvição, é perdoada a pena eterna, ou seja, o castigo merecido pelos nossos pecados. Esse sacramento é constituído de três atos do penitente e da absolvição dada pelo sacerdote.

“Os atos do penitente são o arrependimento, a confissão ou manifestação dos pecados ao sacerdote e o propósito de cumprir a penitência e as obras de reparação”. Quando os pecados são cometidos contra a justiça, no caso de um bem roubado ou contra a verdade, no caso de calúnia ou difamação, além da reparação espiritual, que se dá pela oração, faz-se necessária a reparação material, que pode ser a devolução do bem roubado ou a prática de uma obra de caridade, no primeiro caso, ou a reparação moral, que pode ser o reconhecimento público do mal cometido, no segundo caso. A reparação moral em às vezes, material do mal causado deve ser avaliada segundo a medida do prejuízo causado e no quanto este obriga a consciência do penitente.

Obras de misericórdia

Depois de recebermos a absolvição dos pecados no sacramento da penitência e cumprir a penitência e as obras de reparação, a pena eterna é perdoada. Entretanto, a pena temporal, que é a tarefa de eliminar as raízes que o pecado deixou em nós mediante a mortificação das paixões desregradadas, permanece. Por isso, são particularmente importantes o jejum, a esmola, a penitência e a oração, que podem ser oferecidos em reparação das penas pelos nossos próprios pecados e pelos pecados das almas que estão no purgatório.

As obras de misericórdia corporais podem também ser oferecidas em reparação pelos pecados: dar de comer a quem tem fome; dar de beber a quem tem sede; vestir os nus; dar pousada aos peregrinos; assistir aos enfermos; visitar os presos; enterrar os mortos. Igualmente podemos oferecer as obras de misericórdia espirituais: dar bom conselho;

ensinar os ignorantes; corrigir os que erram; consolar os aflitos; perdoar as injúrias; sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo; rogar a Deus por vivos e defuntos.

Além das obras de misericórdia, podemos oferecer as indulgências concedidas pela Igreja para apagar as penas temporais pelos nossos pecados ou pelas almas que estão no Purgatório. São várias as celebrações, como a Festa da Misericórdia, orações como o Rosário; e as ocasiões, como peregrinações aos santuários e aos lugares santos, que são enriquecidas com as indulgências.

Devoção ao Sacratíssimo Coração de Jesus

A espiritualidade da reparação se faz presente de modo especial na devoção ao Sacratíssimo Coração de Jesus. Muitos santos propagaram essa devoção. Dentre eles, destacamos São Boaventura, Santo Alberto Magno, Santa Gertrudes, Santa Catarina de Sena, o Beato Henrique Suso, São Pedro Canísio, São Francisco de Sales, São João Eudes, São João Bosco e Santa Margarida Maria Alacoque. Com a ajuda do seu diretor espiritual, o beato Cláudio de la Colombière, Santa Margarida, com o seu ardente zelo, conseguiu que o culto ao Sagrado Coração de Jesus adquirisse um grande desenvolvimento e, revestido das características do amor e da reparação, se distinguisse das demais formas da piedade cristã.

Dentre as associações que promovem o culto ao Coração de Jesus, as piedosas práticas de reparação, de modo especial destacam-se as manifestações de ardentíssima piedade e devoção do Apostolado da Oração. Este propaga a devoção da comunhão reparadora nas nove primeiras sextas-feiras em desagravo ao Sagrado Coração de Jesus, segundo as revelações a Santa Margarida Maria Alacoque.

Para que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus produza frutos mais abundantes na família cristã e em toda a humanidade, o Papa Pio XII recomenda: "Procurem os féis unir a ela estreitamente a devoção ao Coração Imaculado da Mãe de Deus". Pois foi por vontade de Deus que, na obra da Redenção humana, a Virgem Maria estivesse inseparavelmente unida a seu Filho Jesus Cristo; tanto que a nossa salvação é fruto da caridade de Cristo e dos Seus sofrimentos, aos quais foram intimamente associados o amor e as dores de Sua Mãe Santíssima. "Por isso, con-

vém que o povo cristão, que de Jesus Cristo, por intermédio de Maria, recebeu a vida divina, depois de prestar ao Sagrado Coração o devido culto, renda também ao amantíssimo coração de Sua Mãe celestial os correspondentes obséquios de piedade, amor, agradecimento e reparação".

Sagrado Coração de Jesus e Imaculado Coração da Virgem Maria

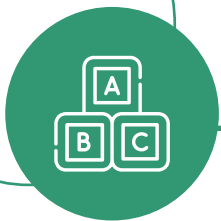
Considerando que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus está intimamente unida a do Imaculado Coração da Virgem Maria, a espiritualidade da comunhão reparadora ganha particular importância. Essa realidade nos foi confirmada pela própria Virgem Maria, em uma de suas aparições, a Irmã Lúcia em Fátima, Portugal. Nossa Senhora mostrou o seu Coração Imaculado rodeado de espinhos, que significam os nossos pecados; e pediu que fizéssemos atos de reparação, de desagravo, para tirar esses espinhos dele.

De modo especial, a Virgem de Fátima recomendou a devoção reparadora dos cinco primeiros sábados. Segundo Irmã Lúcia, "da prática da devoção dos primeiros sábados, unida à consagração ao Imaculado Coração de Maria, depende a guerra ou a paz do mundo". Por isso, nos tempos de guerra e violência em que vivemos, torna-se particularmente urgente o desagravo das ofensas contra o Coração Imaculado da Virgem Mãe de Deus.

Assim, a espiritualidade reparadora tem como finalidade nos conduzir a Jesus Cristo e à salvação eterna. Por isso, procuremos com maior empenho conhecer melhor essa doutrina da Santa Mãe Igreja sobre a reparação das penas temporais e das ofensas contra o Sacratíssimo Coração de Jesus e o Imaculado Coração de Maria. Pois, conhecendo melhor a espiritualidade da reparação, viveremos melhor esse caminho que nos coloca no mistério da Redenção da humanidade. Que a vivência da espiritualidade da reparação das penas temporais pelos nossos pecados e pelas almas do purgatório e do desagravo das ofensas contra o Coração de Jesus e o Coração de Maria sejam causa de salvação eterna para muitos.

Sagrado Coração de Jesus e Imaculado Coração de Maria, rogai por nós!

Fonte: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/voce-sabe-o-que-e-um-ato-de-reparacao-dos-pecados/>



O número 40 na Quaresma

Olá devotinhos!

Estamos no tempo litúrgico da Quaresma.

Quaresma vem de 40 que é um número muito importante para nós, povo de Deus.

Choveu 40 dias até o dilúvio e o povo de Deus ser renovado através de Noé. O povo de Deus caminhou 40 anos no deserto até chegar à Terra Prometida.

Jesus também passou 40 dias sozinho no deserto, rezando e jejuando, antes de ser crucificado, morto e ressuscitar.

A Quaresma é um tempo que nós passamos nos preparando com jejum, oração e praticando a caridade até chegarmos à Páscoa, tempo em que comemoramos a Ressurreição de Jesus Cristo. Pinte o tecido da cruz de roxo, cor que simboliza o tempo da Quaresma.



Cristiane Adorno

Participa da Pastoral Catequética da Paróquia e Santuário São Judas Tadeu.


RECOMENDAMOS



CELEBRAR O JUBILEU SEM IR A ROMA

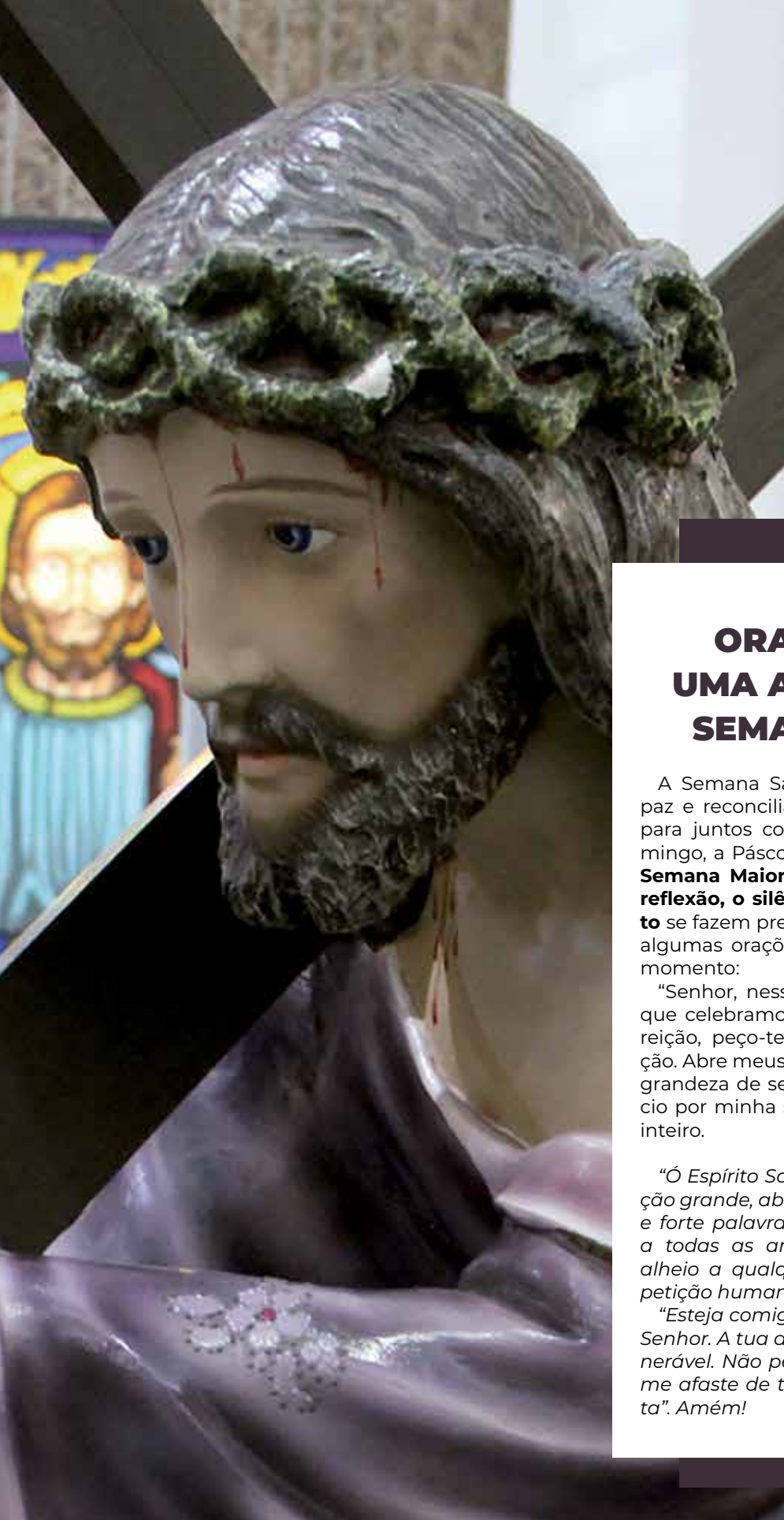
Este livro é um instrumento eficaz para o católico bem viver o Jubileu Ordinário do Ano de 2025, de modo que o autor, Frei Patrício Sciadini, nos presenteia com um breve histórico do que são os jubileus na história da Igreja e nos apresenta todos os temas que serão abordados durante o ano de 2025.

Você pode adquirir o livro “Celebrar o Jubileu sem ir a Roma” na Loja oficial de artigos religiosos do Santuário, ao lado da Secretaria Paroquial.

Mais informações pelo tel (11) 2275-0724. (11) 99338-0758. 

E-mail: contato@lojasaojudastadeu.com.

Site: <https://www.lojasaojudastadeu.com>



ORAÇÃO POR UMA ABENÇOADA SEMANA SANTA

A Semana Santa é um tempo de paz e reconciliação entre os irmãos, para juntos comemorarmos no Domingo, a Páscoa da Ressurreição. Na **Semana Maior da Igreja**, em que **a reflexão, o silêncio e o recolhimento** se fazem presentes, apresentamos algumas orações para auxiliar nesse momento:

“Senhor, nessa Semana Santa, em que celebramos sua morte e ressurreição, peço-te: converte meu coração. Abre meus olhos para perceber a grandeza de seu maravilhoso sacrifício por minha salvação, e do mundo inteiro.

“Ó Espírito Santo, dai-me um coração grande, aberto à vossa silenciosa e forte palavra inspiradora, fechado a todas as ambições mesquinhas, alheio a qualquer desprezível competição humana”.

“Esteja comigo, não me abandone, Senhor. A tua ausência me deixa vulnerável. Não permita Senhor que eu me afaste de ti, nesta Semana Santa”. Amém!